

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

ACERVOS COMPLEMENTARES PNLD/2010 E IDENTIDADE CULTURAL
Análise da obra *Nem todo mundo brinca assim!*

Liliane Melo do Amaralⁱ (UCS)
Flávia Brocchetto Ramosⁱⁱ (UCS)

Este estudo tem por objetivo analisar a obra *Nem todo mundo brinca assim! Conversando sobre identidade cultural*, de Ivan Alcântara, pertencente aos Acervos Complementares PNLD/2010 para os dois primeiros anos do Ensino Fundamental. A análise pauta-se em conceitos de *alteridade*, de Platão (1991), *representação*, a partir de Pesavento (2008) e *identidade cultural*, de Hall (1996). Inicialmente, foi realizada uma discussão teórica e, em seguida, o estudo do texto a partir dos conceitos citados, e ainda, quanto à materialidade do título e à linguagem. O exemplar foi encaminhado às escolas públicas brasileiras com turmas de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. Este estudo problematiza a presença do título nas escolas à medida que aponta qualidades e fragilidades do exemplar.

Palavras-chaves: Anos iniciais, Livro infantil, Leitura, Identidade cultural

1. INTRODUÇÃO

A sociedade e, conseqüentemente, a escola por muito tempo desenvolveram suas atividades na perspectiva da igualdade, no sentido de homogeneizar, padronizar. Porém, verificamos que não é mais possível pensar e agir nessa lógica, pois como alerta Adorno, o episódio de Auschwitz não pode se repetir (1995, p. 119). Para que a educação atinja esse objetivo é necessário compreender por que existem pessoas que são capazes de cometer atrocidades com outros seres humanos. Identificar na sociedade quais “mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos” (1995, p. 121) e, desta maneira, trabalhar na escola com estes conceitos pode contribuir para criar o que o autor chama de “*consciência verdadeira*” (1995, p. 141). Essa é compreendida como a construção da capacidade de decidir por si mesmo a partir de uma postura ética em relação ao ser humano.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Considerando que a educação desenvolveria a consciência verdadeira, ou seja, educar para a emancipação, este artigo tem por objetivo analisar a obra *Nem todo mundo brinca assim! Conversando sobre identidade cultural*, de Ivan Alcântara e Newton Foot, editado pela Escala Educacional e selecionado para compor o acervo de obras da área das Ciências Humanas dos Acervos Complementares do PNLD 2010.

2. ALTERIDADE: O SER E O NÃO SER

A escola atual é o palco onde encontra-se, cada vez mais, personagens com características diversas e que necessitam conviver e resolver conflitos. Para aprofundar a discussão e embasar a análise que se propõe neste artigo, retorna-se a Platão em seu diálogo *Sofista* (1991), no qual discute, a partir da atuação dos personagens Teeteto e Estrangeiro, o conceito de *alteridade*.

Nesse texto, Platão busca a essência do ser e do não ser, uma vez que um não é mais importante e sequer maior que o outro. O indivíduo só consegue se conceber na relação com o outro, por conseguinte, pela diferença. Durante longo período, essa diferença foi vista como algo negativo e excludente, porém, nas reflexões de Platão não é esse o sentimento apresentado pelo Estrangeiro, que busca compreender junto a Teeteto, essa relação entre o que é e o que não é. Em uma passagem do diálogo, Platão expõe que

[...] Estrangeiro: - Assim, ao que parece, quando uma parte da natureza do outro e uma parte da natureza do ser se opõem mutuamente, esta oposição não é, se assim podemos dizer, menos ser que o próprio ser; pois não é o contrário do ser o que ela exprime; e sim, simplesmente, algo dele diferente. [...] (PLATÃO, 1991, p. 183)

Percebe-se que o que diferencia os seres em nada tem haver com ser melhor ou pior, bom ou mau, e sim com formas de ser diferentes que constituem as inúmeras maneiras de ser e estar no mundo, como aquilo que não pertence a nós também possui suas características, que a tornam por isso um ser único. Para definir o que constitui, por exemplo, elementos de uma cultura é preciso que existam outras para que esta consiga se ver. Conforme Platão, existe “[...] uma associação mútua dos seres. O ser e o outro

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

penetram através de todos e se penetram mutuamente. [...]” (1991, p. 184), ou seja, existe nessa comparação uma relação dinâmica entre eles.

Para Vigotski (2007), nos tornamos humanos pelas nossas interações, inicialmente com outras pessoas ou mesmo situações. Pela linguagem verbal e gestual, a criança entra em contato com comportamento que, com o passar do tempo e o alargamento das relações que o indivíduo passa a estabelecer, vão sofrendo alterações durante toda sua vida.

Assim, é imprescindível que a educação, no sentido amplo, desenvolva a consciência do ser humano para o respeito e o reconhecimento do outro, uma vez que é pela diferença que se constroem as identidades. Nesse contexto, cabe ao educador oferecer às crianças a maior quantidade de experiências com outras realidades para que consigam perceber o quanto é rica a diversidade do ser humano.

3. ACERVOS COMPLEMENTARES E IDENTIDADE CULTURAL

O Governo Federal, por meio de ações do MEC, vem desenvolvendo inúmeras mudanças e projetos na educação nacional. Em 1996, foi instituído a nova LDB (Lei nº 9.394/96) que está em vigor até hoje. Nela foi prevista a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, ampliando o tempo do processo de alfabetização.

Considerando essa nova realidade da educação brasileira, o MEC, por meio da Secretaria de Educação Básica, desenvolveu diversas ações para a efetiva implantação e sucesso do ensino de nove anos. Entre essas, foram criados, em 2008 e distribuídos às escolas em 2010, pelo PNLD, os chamados Acervos Complementares. Esses consistem em conjuntos de obras de cunho paradidático, ou seja, livros não literários que buscam a partir de uma linguagem lúdica apresentar e desenvolver conceitos das seguintes áreas do conhecimento: Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Humanas, Linguagens e Códigos. Foram selecionados cento e cinquenta livros, de modo que sua divisão se deu em cinco caixas contendo trinta livros cada, contemplando as três áreas. Cada escola

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

recebeu um acervo por turma, cadastrada no censo escolar, de 1.º e 2.º anos, assim esse material deveria ficar em sala de aula para o manuseio direto dos alunos e do professor.

Como referido anteriormente, para esse estudo foi selecionado o livro *Nem todo mundo brinca assim!*, pois essa obra, em seu subtítulo cita o conceito de *identidade cultural*, esse caro a área da História. Dessa forma, procura-se problematizar o título, pois é um livro que, por meio dos Acervos Complementares, chegou as escolas públicas do país. A obra teve sua primeira edição em 2004 pela Escala Educacional, com sede em São Paulo, sendo que para os Acervos Complementares foram enviados exemplares da 2ª edição do ano de 2007.

A editora Escala Educacional trabalha com produtos de preços mais acessíveis e que acaba por influenciar na qualidade material dos livros. Isso é possível de ser verificado pela materialidade da obra, uma vez que a encadernação é estilo brochura, a capa é de papel não muito espesso e as folhas são finas. As dimensões são de 20cmx18cm e totalizam vinte e quatro páginas; toda a coleção segue o mesmo padrão. A estrutura ajuda no manuseio pela criança, pois por não ser pesado e nem grande, alunos de 6 a 7 anos, que é o público-alvo, conseguem segurá-lo e folheá-lo sem dificuldade. Porém, a preocupação da editora com a redução de custos para produzir livros traz alguns problemas. Identifica-se, na página 23, um erro de revisão, pois na frase que fecha o texto há repetição da palavra **com**: “[...]...e quem consegue aprender **com com** os outros [...]” (2007, p. 23).

A narrativa do texto é simplória, não explora elementos estéticos. A escrita está mais próxima do gênero informativo, sem ligação entre as parte. O livro inicia com a seguinte frase: “Quando a gente viaja, percebe que lá longe as pessoas fazem as coisas de um jeito diferente. (2007, p. 4), na sequência “E não é só isso: as roupas também são diferentes e o jeito de falar é outro!” (2007, p. 5). Não apresenta uma ligação entre os elementos que diferenciam as diversas culturas e, ao ler o texto, parece que esses modos de viver distintos estão muito longe da criança. No entanto, atualmente, com os meios de comunicação mais difundidos, existe a possibilidade de conhecer esses costumes sem necessariamente viajar.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Outro aspecto observado são as ilustrações, pois se compreende que não só o texto escrito traz mensagens e produz significados, as imagens, sem dúvida, causam sensações no leitor. As ilustrações são de Newton Foot, que além de ilustrador também escreve e produz tirinhas para a internet. Os desenhos procuram seguir o que diz o texto, como por exemplo, na página 11, há a figura de dois esquimós construindo juntos um iglu na neve, e um cão observando a atividade, a redação logo abaixo diz: “E um esquimó fazendo uma casa de gelo? Que frio!” (2007, p. 11).

As ilustrações da obra, por tratar da diversidade cultural, apresentam muitas figuras humanas, buscando elementos que, pelo senso comum, são ligados à determinada etnia, ou seja, às representações que construímos sobre algum povo. Para Pesavento, o conceito de *representação* [...] não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma *construção feita a partir dele*¹. (2008, p. 39 - 40). Dessa maneira, o ilustrador buscou elementos que as culturas apresentadas no exemplar tinham de comum, aquelas imagens que quando se observa, logo remetem ao estereótipo desse povo. Há imagens de japoneses, nórdicos, mexicanos, africanos, asiáticos, australianos e também mestiços. Na página 10, estão representados indígenas, com cocares, corpos pintados e em movimento que passa a ideia de uma dança, ao fundo uma oca. Há de se ter cuidado com as generalizações, pois nem todas as tribos indígenas se vestem ou agem desse modo. É possível intervir nesse ponto, pois há o perigo de que a criança compreenda que todo, por exemplo, todos os indígenas pintem o corpo do mesmo modo ou morem em ocas de palha. Empregar o conceito de representação ao trabalho docente é uma alternativa para explicar aos alunos que existem algumas características, que parte de um povo usa, para se identificar, mas nem sempre, por morar em determinado espaço geográfico, a pessoa deve vestir-se, dançar, alimentar-se de modo igual.

O subtítulo, *conversando sobre identidade cultural*, apresenta um conceito muito importante para os estudos da cultura e de sua ação na sociedade. Stuart Hall (1996), estudioso jamaicano, desenvolveu seus estudos sobre as questões culturais e de

¹ Grifos meus.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

construção da identidade em países colonizados. Para o autor, as identidades, no sentido geral, não são inatas e nem mesmo estáveis e fixas, pelo contrário, são construídas pelos discursos e pelos contextos em que vivemos, ou seja, pelas nossas experiências.

A obra *Nem todo mundo brinca assim!* aborda o sentido estático e naturalizado da cultura, não contemplando a ideia de que são os próprios homens que constroem essas maneiras de representar e de viver de seu grupo. A maior preocupação do livro é passar uma mensagem de respeito a outras maneiras de fazer, de brincar ou de vestir. O autor expressa, entre as páginas 20 e 23, o sentimento de alteridade quando ele escreve que

Só que tem umas pessoas que ficam pensando que as coisas delas são melhor que as dos outros. Tem gente que é tão esquisita que até arruma briga por causa disso! Para fazer isso, deve ser alguém que não pensa direito e nem gosta de brincar. Quem gosta de brincar sempre aprende com os outros... e quem consegue aprender com os outros sempre tem muitos amigos e vive em paz! (ALCÂNTARA, 2007, p. 20-23)

No trecho em destaque, que faz o fechamento do livro, percebe-se o esforço do autor para expor ao leitor essa postura ética de respeito e mostrando o lado positivo, pois quem aprende com os outros “[...] sempre tem muitos amigos e vive em paz!” (2007, p. 23). Isso é um ponto positivo da obra, pois nessa fase, quando as crianças começam a frequentar a escola e passam a conviver com realidades diferentes das suas, reforçar a forma de encarar o outro, como aquele que nos ajuda e agrega conhecimento é um dos objetivos da educação para a diversidade.

O Brasil, por ser um país que se constitui, segundo Hall (1996), pela identidade de diáspora, isto é, nesse constante complexo de relações com elementos de culturas diversas e por sua fusão formam uma nova. Porém, essa cultura está em frequente movimento devido a outros itens que são agregados ou refutados.

Nesse sentido, o livro *Nem todo mundo brinca assim!* apresenta um problema que, por mais que o livro seja direcionado ao público infantil, precisa ser revisto. Tratar a África como um grande país homogêneo, onde todos são negros e vivem em tribos, ou ainda, apresentar que todas as tribos indígenas têm os mesmos costumes, desqualifica a

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

diversidade desses povos e acabam produzindo estereótipos. É possível identificar essas generalizações nos seguintes trechos do texto: “Na África, tem um joguinho com pedrinhas;[...]” (2007, p. 9); “Isso depende muito da cultura: você já viu um índio dançando?” (2007, p. 10); “E se a gente treinar um pouco, pode aprender as brincadeiras dos africanos ou as danças dos índios.” (2007, p.18). Junto à obra, trabalhar com os alunos na perspectiva da diversidade africana e na compreensão da África como um continente, onde cada país tem modos também diversos de viver, assim como os indígenas, que apesar de algumas características comuns, possuem culturas distintas.

4. CONCLUSÃO

No século XXI, as crianças, por mais simples que seja seu acesso a bens culturais, realizam inúmeras interações, pois as escolas, hoje, possuem mais equipamentos e materiais que podem proporcionar a elas contato com essas culturas diversas. Na família também há mais espaço e oportunidade para a criança, pois ela participa das conversas e decisões dos adultos, além disso, convive com inúmeras mídias de comunicação, seja internet ou televisão, que acabam por mostrar a diversidade dos seres.

As interações, características das relações humanas e, por conseguinte, culturais, não são contempladas na obra analisada. O autor escreve, de forma a compreender, que as pessoas são passivas ao entrar em contato com uma cultura diferente. Que elas não exercem influência nenhuma, por exemplo, ao brincar com um aborígine australiano, como aparece nas páginas 16 e 17. Ele aborda a relação entre os personagens de forma isolada, como se ao visitar algum lugar que haja uma maneira diferente de significar o ambiente, não haverá nenhuma interferência, somente o visitante receberá, pela observação, algum aprendizado que poderá ou não retransmitir em seu grupo social. É possível questionar os alunos, no trabalho com essa obra, refletindo sobre o ato de visitar alguém, se eles apenas “olham” e se calam ou interagem, trocam ideias e, dessa maneira, aprendem e modificam-se.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Considerando esses pressupostos, conclui-se que a obra analisada tem como ponto positivo a intenção de desenvolver o sentimento de respeito às diversas culturas e modos de significar a existência humana. No entanto, se faz necessária à mediação do livro junto ao aluno para ponderar acerca de generalizações que podem, mais adiante, causar estranhamentos e dificuldades de compreender que, mesmo dentro de uma cultura com características em comum, é possível encontrar a diversidade, e que cada indivíduo tem o direito de construir sua identidade e optar pelo seu modo de viver. Auxiliar na compreensão, mesmo que os alunos tenham seis anos, de que nossas experiências humanas são sócio-históricas e que com o passar do tempo cada sociedade vai atribuindo novo sentido a suas vivências e que nenhum modo é melhor que outro, mas é apenas diferente.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação** / Theodor W. Adorno; Tradução Wolfgang Leo Maar. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALCÂNTARA, Ivan. **Nem todo mundo brinca assim – conversando sobre identidade cultural.** / Ilustrado por Newton Foot. – 2. Ed. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora.** *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, nº24, p. 68-75, jan. 1996.

PLATÃO. **Diálogos** / Platão; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. – 5. Ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1991. – (Os pensadores)

VIGOTSKI, L. S.. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** - 7ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Sites

Editora escala Educacional. Disponível em: <http://www.escalaeducacional.com.br/>. Acesso em 07/01/2013.

ⁱ Especialista em Ensino de História e mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação UCS, Universidade de Caxias do Sul, Brasil
E-mail: lillyamaral@yahoo.com.br

ⁱⁱ Doutora em Letras, Universidade de Caxias do Sul, Brasil
E-mail: ramos.fb@gmail.com